

COMENTÁRIOS SOBRE ARTIGO DE ANNE-GENEVIÈVE ROGER

Eduardo Losicer

Resumo:

Trata-se de uma carta aberta contendo comentários sobre um trabalho apresentado pela colega mencionada.

CARTA ABERTA

Prezada Anne-Geneviève:

A leitura do seu texto “Esses EGP que mal se ousaria chamar ‘comunidade’” me deixou simpaticamente instigado e me senti imediatamente impelido a responder-lhe por carta. A carta, pensei, dispensa as complexidades do texto acadêmico ou erudito e me permitiria expressar, de forma mais direta, as duas ou três coisas que teria para comentar sobre seu trabalho. Ainda, tratando-se dos Estados Gerais, concluí que esta carta só poderia ser aberta – pressupondo seu consentimento - e confesso que me diverti imaginando os colegas dos EGP lendo a carta por cima do seu ombro.

O primeiro dos vários pontos com que simpatizo no seu artigo se refere à surpresa e ao entusiasmo que você demonstra com a existência e a persistência, apesar de tudo, da aventura dos EGP. Também eu me admiro que isto aconteça, isto é; me admira que ainda seja um acontecimento. Como tal, significa que aquela confluência insólita e inédita que gerou o Movimento dos EGP, ainda tem força suficiente para que os analistas saiam, mais uma

vez, de suas escolas e consultórios e venham a público, no nosso encontro mundial, para dizer o que é psicanalisar na atualidade. O destino do acontecimento, o saberemos 'só depois', mas tudo indica que já é um fato.

Também me diverti com “a bela indiferença social e política“ que aponta muito bem nos psicanalistas e com as formas com que você estigmatiza a impostura das cúpulas e dos mestres, transformando-os em estátuas. Sobre isto costumo dizer que um Movimento é algo importante demais para ser deixado, apenas, nas mãos dos mestres ... ou das cúpulas. Para evitá-lo, basta a assembléia exerça a sua soberania.

Considero que seu artigo, enfim, sustenta críticas e teses políticas mais do que teses acadêmicas, como é próprio a nosso encontro, e assim alimenta o debate que está por vir. Não pretendo antecipá-lo agora com estes comentários, mas apenas apontar algumas questões que, acredito, lhe são prévias.

A principal delas diz respeito às formas em que você utiliza a palavra 'modelo' e, em particular, a expressão “modelo de Paris”. Todos reconhecemos que, tomada isoladamente, a expressão tem força suficiente provocar ressonâncias em todos os recantos da história moderna. Mas, quando aplicada aos nossos pequenos estados gerais, convém esclarecer-lhe o sentido. Referindo-se ao Mundial do Rio, você afirma, entre outras coisas, que seus organizadores preconizam a “reprodução do modelo de Paris e o conceito de encontro de prestigiados e *maîtres à penser...*”. Isto sim, merece alguns reparos. Falando em nome próprio, como sempre, posso lhe garantir que o segundo Mundial não segue modelo nenhum (nem poderia por se tratar de um Movimento), se diferencia em certas coisas do primeiro e dele recebe o essencial, o nome, porque alude ao que é fundante dos estados gerais: a assembléia. Não é por

outro motivo que em abril de 2002 o plenário do Rio (e não o comitê executivo) elegeu a assembléia como função básica do Encontro. Para complementar esta função e assim suprir os problemas apresentados na assembléia de Paris, criou-se a função-leitor, que propõe tratar a autoralidade dos trabalhos da forma mais coletiva (o nosso *estar em cumum*) que for possível, reservando os enunciados em nome próprio, para o debate vivo no plenário. Veja bem: estas escolhas eram mais arriscadas (para obter “sucesso de público”) do que optar por um “congresso organizado de modo não-diretivo”, tal como aconteceu nos três encontros latino-americanos (palavras suas). Sim, como você diz, os analistas costumamos ficar mais satisfeitos quando expomos “pessoalmente” nossos trabalhos ... independentemente de como vão ser lidos dentro do conjunto do tal “congresso”. No entanto, o fato de cada autor apresentar (geralmente lendo) seu trabalho em pequenos grupos, como foi o caso, além de impraticável (para nosso caso do mundial) não oferece mais do que garantias individuais de autoralidade e, assim mesmo, estes congressos de pequenos grupos costumam estimular mais o elogio mútuo (mais prestígio para os prestigiados) do que o debate produtivo das diferenças e o acordo sobre as “comunidades”. É por isso que, quando alguns colegas argentinos – que você menciona - se recusam em aceitar a função-leitor para a qual foram convidados (justamente por eles terem demonstrado - em Buenos Aires - que eram bons leitores), eles estão exercendo um pleno direito. Mas, alegar motivos de coerência (por terem sido contrários ao funcionamento em assembléia) não se sustenta: coerente seria que os aderentes de um movimento acompanhem as decisões plenárias ... mesmo aqueles que sejam individualmente contrários às deliberações ou que se recusem a participar da forma solicitada. Em outras

palavras: para evitar o vedetismo (as vaidades, as veleidades e todas as formas de pequenos narcisismos) que você denuncia, nada melhor do que todos nos submetemos à soberania de uma assembléia bem temperada (seremos capazes?).

Falando agora a respeito das diferenças com o “modelo de Paris”: a organização do Rio marcou a sua diferença com Paris a partir do momento em que convoca os psicanalistas para analisar, publicamente, a “atualidade”. Veja bem: não se trata somente de expor, mais uma vez, a atualidade da psicanálise (filiação, transmissão, consultório privado, etc.) mas também, e principalmente, de expor a implicação dos analistas com a atualidade do mundo. Não apenas tratar (até quando?!) da política institucional da psicanálise, mas do posicionamento político (público) do psicanalista dentro do mundo atual. É por isso que não estão totalmente errados, acredito, aqueles que apontam uma crescente politização entre a convocatória de Paris e a convocatória do Rio ou, dizendo de outro modo, que a partir do Mundial do Rio a divergência dentro dos EGP será entre a tendência a politizar (se implicar no movimento) e a tendência a institucionalizar (morrer nos “altos estudos”, acho eu). Também não erra, na mesma visão, quem aponta uma passagem da questão do sujeito (entenda-se como quiser) para a questão da subjetividade ou subjetivação (ser e atuar no mundo, no sentido vulgar). Em Paris tivemos o privilégio de contar com Derrida para nos trazer as questões mais importantes para serem pensadas pelos psicanalistas do mundo. No Rio tivemos a sorte de contar com Negri (ou com Ali) para trazer as questões mais importantes que o mundo coloca para os psicanalistas. Algo diferente, como se vê, do que você afirma no seu artigo, quando diz, “grosso modo”, que “...o esquema

preconizado pelos organizadores do segundo encontro do Rio ... em que mestres da profissão ou das ciências humanas vizinhas viriam periodicamente expor os últimos avanços de seus saberes ...”. Fica claro ao longo de todo seu texto, que o único mundo ao qual você se refere é o mundo (ou comunidade) psicanalítico e suas tensões internas entre grupos, cidades e continentes. O mundial-Rio nos convoca para ampliar este olhar auto-referente. Eis uma grande diferença. Falando também grosso modo, poderia se dizer que o segundo Encontro propõe algo mais do que ficar olhando para o próprio umbigo, seja do nome próprio, seja da comunidade. Você se diz indesejadamente situada entre os subversivos, censurados por sua potencialidade de “...desesperar os descendentes de Freud...” ou “...inquietar o grupo dos notáveis e a franja mais abastada do mundo da análise...”, que pretende “... dirigir para sempre e só ela a organização da comunidade EGP...”. Como dizemos no Brasil: menos, Anne-Geneviève, menos. Nem parece que você ou seu grupo sejam tão perigosos assim, nem creio que as famosas cúpulas ou notáveis tenham esse poder todo. Quero supor (torço para) que esse poder continue circulando livremente entre os grupos já atuantes, como as “células” que vocês formaram na França e mais os grupos que venham a se formar por aqui, depois do Mundial no Brasil. Convenhamos que estes grupos, lá e cá, com ou sem “nome próprio”, não mostraram ainda a capacidade política que se requer para continuar a ser a base de um Movimento em curso (para nomeá-lo como eu o entendo), ou constituir as células-tecido de uma Comunidade (para usar a palavra-chave do seu texto). O que temos “em comum”, isto é, o nosso grande enigma, poderá nos devorar se não se mostra um “espírito comunitário” (potência?... estado d’alma?... causa?...) que seja

suficiente como para mantê-lo em aberto. O certo é que a nossa capacidade auto-gestiva, pouca (parece que sempre) ou muita (parece que já fez milagres), passará por uma dura prova no Rio de Janeiro.

Por último, mais uma diferença com o modelo-Paris que considero muito importante: no Mundial do Rio optamos por uma autogestão das finanças, em lugar de agenciar o risco, como foi por lá. Isto significa que a comunidade psicanalítica que você tematiza se encontrará, talvez pela primeira vez, com o alto grau de autonomia exigível para se sustentar sem institucionalização de espécie alguma. Nem barato nem caro, podemos afirmar que no Mundial-Rio se paga apenas o certo. Relacionada ou não com estas diferenças rapidamente mencionadas, uma das características que o encontro do Rio vem apresentando se encontra na alta proporção entre trabalhos apresentados em relação com o número de inscritos e, o que é mais importante, trata-se de trabalhos de qualidade (qualquer que seja a acepção do termo). Poderíamos afirmar, neste sentido, que se trata de um encontro quantitativamente suficiente e qualitativamente destacado?

Convenhamos, para encerrar, que se todos concordamos com a citada proposição fundadora de Major que “pertenceria àqueles que respondessem a esse chamado determinar, eles próprios, a origem, o sentido e os destinatários”, somos obrigados a concluir que ‘eles próprios’ somos todos nós e que de nós depende mostrar, politicamente, que o destino dos EGP não está em mãos alheias.

Cordialmente,

Eduardo Losicer.

Outubro de 2003.